

## O pacto sobre o papel do jornalismo nos quatro telejornais diários da TV Globo

Itania Maria Mota Gomes e Mariana de Oliveira Menezes\*

**Resumo:** O presente artigo propõe-se a verificar como programas telejornalísticos se constroem a partir da relação entre as especificidades da televisão e as particularidades do jornalismo. Faremos isso a partir da exploração de um dos operadores de análise dos modos de endereçamento (Gomes, 2006a) [1] de programas jornalísticos, particularmente o operador que chamamos de pacto sobre o papel do jornalismo. Como objeto empírico de análise escolhemos os telejornais diários da Rede Globo de Televisão.

**Palavras-chave:** telejornais – pacto – modo de endereçamento

**Resumen:** El presente artículo se destina a verificar como programas de teleperiodismo se construyen a partir de la relación entre las especificidades de la televisión y las particularidades del periodismo. Lo haremos a partir de la exploración de uno de los operadores de análisis de los modos de direccionamiento (Gomes, 2006a) [2] de programas periodísticos, particularmente el operador que denominamos pacto sobre el papel del periodismo. Como objeto empírico de análisis elegimos los telediarios de la Red Globo de Televisión.

**Palabras-clave:** telediarios – pacto – modos de direccionamiento

**Abstract:** This article is intended to verify how telejournalism programs are constructed based on the relationship between the specific aspects of television and particular aspects of journalism. We will do this by exploring one of the operators which analyze the modes of address (Gomes, 2006a) [3] of journalistic programs, particularly the operator we call a pact regarding the role of journalism. We chose the daily newscasts of Rede Globo de Televisão as an empirical subject of analysis.

**Key words:** television newscasts – pact – modes of address

---

\*Itânia Maria Mota Gomes ([itania@ufba.br](mailto:itania@ufba.br)) é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas /UFBA e pesquisadora do CNPq; pós-doutora em Comunicação (Universidade de Paris 3); coordenadora do grupo de pesquisa: Análise de telejornalismo.  
Mariana de Oliveira Menezes é graduada em Comunicação (UFBA); bolsista de Iniciação Científica do CNPq; integrante do grupo de pesquisa Análise de telejornalismo.

## **Considerações introdutórias**

O telejornalismo é uma instituição social, nos termos de Raymond Williams (1997. p. 22) [4]. Ele é, portanto, uma construção social, no sentido de que se desenvolve numa formação econômica, social, cultural particular e cumpre funções fundamentais nessa formação. A concepção de que o telejornalismo tem como função institucional tornar a informação publicamente disponível e de que o que faz através das várias organizações jornalísticas é uma construção: é da ordem da cultura e não da natureza do jornalismo ter se desenvolvido deste modo em sociedades específicas.

Pensar o telejornalismo como instituição social implica reconhecer também uma específica concepção de notícia ou de informação jornalística. É num determinado modelo de jornalismo que as noções de imparcialidade e objetividade fazem sentido. É neste modelo de jornalismo que as distinções entre fato e ficção, informação e entretenimento tornam-se úteis. É claro que, na nossa concepção, a notícia é uma construção e não uma representação fiel da realidade. As noções de objetividade e imparcialidade no jornalismo são mais apropriadas a uma concepção empiricista da realidade que está fora do enquadramento da nossa perspectiva teórica. É certo que a objetividade é construída e tem uma hereditariedade comercial (Shudson, 1978; Dayan, 2005), entretanto, ambas as noções são úteis na análise de programas telejornalísticos específicos porque enquadram o modo como o jornalismo é socialmente aceito, e regulam, pelo menos retoricamente, as ações profissionais e as expectativas do público.

Acreditamos que essas premissas sobre o jornalismo precisam ser analisadas em relação ao contexto profissional e cultural em que a prática jornalística acontece. Embora, em termos gerais, possamos imaginar que certos cânones e expectativas sejam próprios de sociedades contemporâneas, há diferenças marcantes em relação à história do jornalismo e dos media em cada contexto específico (por exemplo, para indicar apenas as mais discutidas, as diferenças entre os modelos ingleses e norte-americanos de televisão e de jornalismo) e de modo algum concordamos em que não há diferenças – de práticas, de sistema, de ideologia – no jornalismo realizado em distintos períodos históricos e distintas

sociedades. Até certo ponto, muitos dos valores e normas profissionais adotados pelos jornalistas em países democráticos são made in the USA. No entanto, devemos nos perguntar como esses valores e normas são efetivamente desenvolvidos nas atividades profissionais específicas e como eles configuram produtos comunicacionais específicos em diferentes contextos.

Esse é, parcialmente, um dos objetivos deste artigo, é explorar a aplicação: verificar como programas telejornalísticos se constroem a partir da relação entre as especificidades da televisão e as particularidades do jornalismo. Faremos isso a partir da exploração de um dos operadores de análise dos modos de endereçamento (Gomes, 2006a) [5] de programas jornalísticos, particularmente o operador que chamamos de pacto sobre o papel do jornalismo. Como objeto empírico de análise escolhemos os telejornais diários da Rede Globo de Televisão. Foram consideradas as edições de 24 a 31 de maio de 2006 dos telejornais Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo.

O conceito de modo de endereçamento surge na análise fílmica, especialmente aquela vinculada à screen theory e tem sido, desde os anos 80, adaptado para interpretação do modo como os programas televisivos constroem sua relação com os telespectadores. Na nossa perspectiva, o conceito de modo de endereçamento tem sido apropriado para ajudar a pensar como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais.

Na nossa abordagem, o conceito de modo de endereçamento, quando aplicado aos estudos de jornalismo, nos leva a tomar como pressuposto que quem quer que produza uma notícia deverá ter em conta não apenas uma orientação em relação ao acontecimento, mas também uma orientação em relação ao receptor. Esta orientação para o receptor é o modo de endereçamento e é ele, em boa medida, que provê grande parte do apelo de um programa para os telespectadores (Cf. Hartley, 2001. p. 88). O modo de endereçamento, em Hartley, se refere ao tom de um telejornal, àquilo que o distingue dos demais e nessa perspectiva, portanto, o conceito nos leva não apenas à imagem da audiência, mas ao estilo, às especificidades de um determinado programa.

Aqui, portanto, adotamos o conceito de modo de endereçamento naquilo que ele nos diz, duplamente, da orientação de um programa para o seu receptor e de um modo de dizer específico; da relação de interdependência entre emissores e receptores na construção do sentido de um produto televisivo e do seu estilo. Nessa perspectiva, o conceito de modo de endereçamento se refere ao modo como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais.

A análise de programas jornalísticos televisivos, como parece óbvio, deve considerar os elementos que configuram os dispositivos propriamente semióticos da TV, os recursos da linguagem televisiva - os recursos de filmagem, edição e montagem de imagem e de som empregados pelos programas jornalísticos – e os recursos propriamente verbais. A análise deve nos levar ao que é específico da linguagem televisiva, tal como construída num determinado programa e, conseqüentemente, tal como socialmente partilhado pela audiência. A gravação ao vivo, as simulações, bem como infográficos, mapas do tempo, vinhetas, telões e cenários virtuais formam o conjunto dos recursos que, para além de credibilidade, dão agilidade e ajudam a construir a identidade dos programas e das emissoras. A análise do texto verbal, por sua vez, deve revelar as estratégias empregadas pelos mediadores para construir as notícias, interpelar diretamente a audiência e construir credibilidade.

Nossos esforços de análise, no entanto, nos mostraram que a descrição dos elementos semióticos não é suficiente para compreender as estratégias de configuração dos modos de endereçamento e nos colocaram diante da necessidade de construção de operadores de análise que favoreçam a articulação dos elementos semióticos aos elementos discursivos, sociais, ideológicos, culturais e propriamente comunicacionais. É nesse sentido que desenvolvemos os operadores de análise dos modos de endereçamento: mediador, contexto comunicativo, organização temática e pacto sobre o papel do jornalismo. Neste momento, vamos explorar apenas o último deles.

A relação entre programa e telespectador é regulada, com uma série de acordos tácitos, por um pacto sobre o papel do jornalismo na sociedade. É esse pacto que dirá ao telespectador o que deve esperar ver no programa. Para compreensão do pacto é fundamental a análise de como o programa atualiza as premissas, valores, normas e convenções que constituem o jornalismo como instituição social de certo tipo, em outras palavras, como lida com as noções de objetividade, imparcialidade, factualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão e de opinião, atualidade, quarto poder, como lida com as idéias de verdade, pertinência e relevância da notícia, com quais valores-notícia de referência opera.

Os recursos técnicos a serviço do jornalismo, ou seja, o modo como as emissoras lidam com as tecnologias de imagem e som colocadas a serviço do jornalismo, o modo como exibem para o telespectador o trabalho necessário para fazer a notícia são fortes componentes da credibilidade do programa e também da emissora e importante dispositivo de atribuição de autenticidade. A exibição das redações como pano de fundo para a bancada dos apresentadores na maior parte dos telejornais atuais é apenas uma dessas estratégias de construção de credibilidade e, ao mesmo tempo, de aproximação do telespectador, que se torna, assim, cúmplice do trabalho de produção jornalística. Mas as transmissões ao vivo ainda são o melhor exemplo do modo como os programas buscam o reconhecimento da autenticidade de sua cobertura por parte da audiência. Redes internacionais como a CNN e a BBC são exemplares nesse sentido.

Os formatos de apresentação da notícia: nota, reportagem, entrevista, indicador, editorial, comentário, resenha, crônica, caricatura; enquete, perfil, dossiê e cronologia dão importantes pistas sobre o tipo de jornalismo realizado pelos programas e, em certa medida, deixam transparecer o investimento do programa na produção da notícia.

A relação com as fontes de informação, que se referem às vozes acessadas pelo programa para a construção da notícia é outro aspecto que deve ser observado, pois diz das escolhas jornalísticas realizadas. Há dois tipos elementares de fontes nos programas jornalísticos, a autoridade/o especialista e o cidadão comum. Aqui deve ser observada a

posição, o lugar de fala assegurado às fontes dentro de um programa. Na maioria dos programas brasileiros, a fonte oficial é tratada de modo a transferir sua credibilidade para o programa, através do recurso à voz autorizada. Em menor escala, temos as entrevistas duras, combativas. O cidadão comum aparece de três modos básicos nos programas jornalísticos: quando ele é afetado pelas notícias; quando ele próprio se transforma em notícia, seja nos *fait divers*, seja nas humanizações do relato; quando ele autentica a cobertura noticiosa e é tratado como *vox populi*. Os conceitos de lugar de fala (Braga, 1997) e de *frame*, aqui entendido como quadros narrativos construídos pelo programa para ‘emoldurar’ suas construções noticiosas (Santos, 2004; Gutmann, 2005a) têm se mostrado dispositivos analíticos úteis na identificação do pacto sobre o papel do jornalismo.

### **Bom Dia Brasil**

O telejornal Bom Dia Brasil é exibido de segunda à sexta às 7h e 15min. É apresentado por Renato Machado e Renata Vasconcellos dos estúdios do Rio de Janeiro, mas conta com a participação diária de Mariana Godoy, responsável pela apresentação a partir da redação de São Paulo para o telejornal, e de Cláudia Bomtempo, a partir de Brasília. O cenário do estúdio de apresentação do Rio de Janeiro é formado por uma bancada de madeira e vidro (na bancada há apenas um computador e papéis, ambos discretamente posicionados) e por um painel localizado atrás dos apresentadores, nas cores azul e laranja. No centro do painel, entre os dois apresentadores, há uma faixa esbranquiçada com um globo azul e o mapa do Brasil em tons de laranja. Os cenários de São Paulo e Brasília são mais simples, mas seguem o mesmo padrão; compostos basicamente por uma cadeira azul e um painel em tons de azul e laranja. O telejornal conta ainda com as participações de Tadeu Schmidt e Mariana Becker, na editoria de esportes; Michelle Loreto, na previsão do tempo; além dos comentaristas Alexandre Garcia, Miriam Leitão e Sérgio Noronha.

Analisando a composição do cenário, verificamos, com base nas cores, que o telejornal se propõe a trazer as últimas informações da noite (azul) e as primeiras notícias do dia (laranja). O globo azul com o mapa do Brasil em laranja reforça a idéia de que é a notícia

chegando às primeiras horas do dia do brasileiro; o telejornal faz a ligação entre a noite passada e o dia que começa.

O jornal se configura de maneira leve e descontraída. Os mediadores, um elemento fundamental para a construção de programas jornalísticos, estabelecem a ligação entre o telespectador e os outros jornalistas que fazem o programa. Eles conversam entre si e com os outros jornalistas que participam do telejornal, têm espaço para tecerem pequenos comentários e análises sobre as matérias. Como aconteceu, por exemplo, na edição do dia 24 de maio na matéria do repórter Alan Severiano (SP) sobre o corte de energia elétrica no MASP por falta de pagamento. A matéria é introduzida pelo comentário de Renata Vasconcellos: “Apagão na ética (referindo-se à matéria anterior sobre o escândalo das ambulâncias superfaturadas), apagão na cultura”. Após a exibição da matéria os mediadores tecem comentários sobre a imagem do MASP, que, segundo eles, poderia ficar prejudicada diante todo o mundo. Renata encerra afirmando que “(...) isso não pode acontecer!”.

Em cena, os apresentadores se comportam como se estivessem sentados à mesa do café da manhã, na casa dos telespectadores, apresentando as últimas notícias da noite anterior e as primeiras notícias do dia em meio a uma conversa descontraída entre grandes amigos. Amigo este que não deixa o outro perder a hora e se atrasar para sair de casa, já que após as chamadas das matérias do próximo bloco um dos apresentadores sempre anuncia a hora. Esse recurso também confirma a atualidade do telejornal; é exibido ao vivo e exerce o princípio, através da simultaneidade, de que “o jornalismo leva o leitor a ver o evento jornalístico não como um fragmento de algo que pertence ao passado, mas como um fragmento do presente, mesmo que tenha ocorrido há poucos momentos” (Franciscato, 2003).

Com poucas entradas ao vivo de repórteres de rua, já que o jornal é exibido nas primeiras horas do dia, uma forma de dar credibilidade à cobertura jornalística é valorizar a participação de Mariana Godoy, direto de São Paulo, e Cláudia Bomtempo, direto de Brasília. Responsáveis pela participação de cada praça no telejornal, suas constantes

presenças confirmam ao telespectador que as principais redações da Central Globo de jornalismo (Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília) trabalham constantemente em busca da informação, independentemente do horário e do dia.

Na semana analisada, pudemos verificar que as notícias eram sobre os destaques do dia de cada editoria. O telejornal não se propõe a cobrir, nem noticiar, todos os acontecimentos de destaque do dia, mas os principais de cada editoria, apresentando narrativas mais lentas, característica que pode ser indicada através do levantamento dos principais assuntos reportados. Na editoria de polícia, foram reportados os desdobramentos dos atos de violência em São Paulo; na editoria de polícia, teve destaque o caso das ambulâncias superfaturadas; na editoria de política tiveram destaque os depoimentos das CPI's das armas e do bingo, as novas regras do TSE para as eleições e as pesquisas eleitorais, além do aumento dos salários dos servidores públicos federais do executivo; na editoria internacional, a crise política em Gaza, a ameaça do governo boliviano em dobrar o preço do gás e a visita do Papa à Polônia foram os assuntos mais reportados, além de notícias da Copa do Mundo.

A quase inexistência de notas simples e cobertas é outro fator que confere ao telejornal uma condução narrativa mais lenta, se comparada a outros da mesma emissora. Os comentaristas, presentes constantemente nos estúdios, contextualizam melhor os acontecimentos, tecendo críticas e apontando possíveis conseqüências, indicando o caráter de relevância da notícia; valorizam, portanto, uma melhor compreensão dos fatos por parte dos telespectadores, do que uma enxurrada de informações sobre seu público, minutos após terem acordado.

Embora o telejornal abra espaço para os mediadores emitirem comentários e opiniões, busca comprovar a imparcialidade da cobertura jornalística na produção da matéria; não cabe ao repórter de rua que acompanhou e cobriu o acontecimento tecer comentários. A exibição de documentos e pesquisas oficiais é um outro recurso que busca dar credibilidade à cobertura, como na matéria exibida no dia 30 de maio de Fernando Molia (RJ) sobre a falsificação de produtos, onde foi exibido em infográfico com dados



levantados por instituto de pesquisa reconhecido nacionalmente como credível. No entanto, essa imparcialidade é comprometida na medida em que o telejornal não dá voz a todos os lados envolvidos no fato de maneira eqüitativa, além de realizar um julgamento de suspeitos ou acusados, antes mesmo desses irem a júri. Na matéria de Alan Severiano (SP) sobre a formação de uma comissão de direitos humanos para investigar se existem policiais militares envolvidos nas facções criminosas que atuaram em São Paulo, exibida em 31 de maio, a narração em off acusou pessoas presas por serem suspeitas de atuarem nos ataques violentos; o repórter condenou os suspeitos antes destes irem a julgamento.

Consideramos que, no caso do Bom Dia Brasil, o principal pacto estabelecido com a audiência é o compromisso de exibir as notícias que pautarão as conversas sociais no decorrer do dia, apresentando-as de maneira leve e contextualizada. Além de fazer a ligação entre a noite passada e o novo dia, oferecendo continuidade à cobertura dos acontecimentos e seus desdobramentos.

### **Jornal Hoje**

O Jornal Hoje vai ao ar às 13h15min, de segunda a sábado. Tem como âncoras Sandra Annenberg e Evaristo Costa. O cenário é composto por uma bancada em tons de madeira clara, tendo a redação ao fundo iluminada com luzes alaranjadas. Ao lado esquerdo da bancada há um telão, suporte tecnológico de comunicação entre os mediadores e a apresentadora da previsão do tempo. As entradas ao vivo ocorrem por meio de uma tela localizada entre os mediadores, que não fica exposta durante todo o telejornal.

O telejornal do início da tarde apresenta uma narrativa um pouco mais rápida na escalada do programa, com a chamada das notícias alternadas entre os mediadores, que anunciam em seguida que “as respostas (para essas questões) estão no Jornal Hoje que traz também informações sobre a Copa” (edição exibida em 24 de maio). O clima descontraído presente no jornal da manhã se acentua durante todo o Jornal Hoje, que

visa apelar mais fortemente ao público.

Analisando a maneira como o telejornal distribui a notícia, podemos verificar que os primeiros blocos trazem matérias das editorias de política, economia, violência e segurança (social ou privada); os segundos trazem matérias de âmbito internacional, a previsão do tempo e matérias relacionadas ao tempo; os terceiros blocos das edições analisadas trouxeram informações sobre a copa. Para exemplificar, relacionamos a seguir a ordem das matérias veiculadas pelo jornal em duas das edições analisadas: primeiro bloco do dia 25 de maio (CPI das armas, termina prazo para governo de São Paulo informar lista de cidadãos mortos durante os ataques, preso controlava quadrilha pelo celular em Santa Catarina, tropa de elite da Secretaria Nacional de Segurança atuam em Mato Grosso do Sul, campanha para incentivar o uso de cadeirinhas e cintos de seguranças para crianças), segundo bloco do dia 25 de maio (viagem do Papa à Polônia, quadro o Mundo em 1 minuto, a viagem do presidente francês ao Brasil, previsão do tempo, quadro Melhor é possível), terceiro bloco do dia 25 de maio (treino da seleção, Copa-Cultura); primeiro bloco do dia 30 de maio (reajuste salarial dos servidores do INSS, greve do INSS, SUS, lentidão de processos judiciais, carta psicografada inocenta acusada de assassinato, CPI dos bingos, mercado financeiro, aumento da venda de aparelhos televisivos), segundo bloco do dia 30 de maio (EUA envia tropas ao Iraque, terremoto, vulcão e gripe aviária na Indonésia, quadro O mundo em 1 minuto, previsão do tempo), terceiro bloco do dia 30 de maio (brasileiros são orientados a se vacinarem contra sarampo antes de embarcarem para a Alemanha, amistoso da seleção brasileira, Neguinho da Beija Flor rumo à Alemanha).

Como o telejornal é exibido no início da tarde, durante os desdobramentos dos acontecimentos, a apresentação da notícia ocorre de maneira a transparecer que são atuais, recentes, instantâneas. Essa atualidade através da instantaneidade é evidenciada, entre outras maneiras, através do texto verbal, como ocorreu na edição do dia 24 de maio quando Sandra Annenberg anunciou em nota simples a ocorrência de “tiroteio há pouco na Rocinha”. Um outro recurso que evidencia essa instantaneidade é a recorrente entrada ao vivo de repórteres de rua, sempre anunciados pelos âncoras: “a repórter Gioconda

Brasil, que acompanha outra acareação, tem mais informações.” (Sandra Annenberg sobre a CPI das armas na edição de 25 de maio). Como forma de valorizar o trabalho do repórter e dar credibilidade à cobertura jornalística, mas, sobretudo, de criar uma ilusão de chamada ao vivo, geralmente antes da veiculação das matérias gravadas os repórteres são anunciados, como podemos ver na edição de 24 de maio, na reportagem sobre a gripe aviária, quando Evaristo Costa, após chamar a notícia, complementa: “veja na reportagem da correspondente Sonia Bridi”.

A presença de notas simples e cobertas é mais recorrente no Jornal Hoje, se comparado ao Bom Dia Brasil. Atribuímos essa característica também ao fato de ser um telejornal produzido em meio aos acontecimentos, o que muitas vezes acarreta falta de tempo hábil para a produção e edição da matéria (considerando, nesses casos, fatos que geram imagens noticiáveis). Além do mais, o telejornal já está fechado, com seu tempo disponível para exibição totalmente utilizado. Quando se trata de notícias relevantes, respeitando-se o direito público à informação, os fatos, então, são veiculados em notas simples ou cobertas. Como garantia ao cidadão a uma cobertura mais ampla e detalhada dos acontecimentos, geralmente o telejornal é encerrado com um dos âncoras anunciando que maiores informações podem ser obtidas nos outros telejornais da rede e através do site do Jornal Hoje.

Como conseqüência, acreditamos que uma das propostas mais importantes do Jornal Hoje seja a cobertura e veiculação dos fatos enquanto eles ocorrem. Muitas vezes as entradas ao vivo acontecem somente para mostrar ao telespectador que sua promessa está sendo cumprida, que seus repórteres estão lá cobrindo os fatos, já que estes não apresentam novas informações que não tenham sido reportadas na matéria veiculada antes de sua entrada ao vivo.

Consideramos que o Jornal Hoje, dentre os telejornais veiculados nacionalmente pela emissora, é o que mais presta serviços à população. Nas edições analisadas podemos exemplificar com a veiculação de dois quadros especiais de reportagens: Seus Direitos exibido em 24 de maio (sobre a existência ou não do direito do cidadão brasileiro,

trabalhador ou estudante, de ser dispensado de suas atividades durante os jogos do Brasil na Copa), e Viver é possível da edição do dia seguinte (sobre a dificuldade do ato de recomeçar na vida vivenciado por vítimas de estresse pós-traumático). Uma característica marcante dessas reportagens é o seu didatismo; elas ensinam o passo-a-passo para alcançar o desejado.

No caso do Jornal Hoje, identificamos como pactos estabelecidos entre o programa e a audiência o compromisso com a cobertura quase instantânea dos fatos e a prestação de serviços públicos. O telespectador assiste o jornal esperando acompanhar os desdobramentos dos acontecimentos enquanto eles ocorrem, além de informações que possam facilitar sua vida cotidiana e solucionar problemas de ordem pessoais.

### **Jornal Nacional**

O Jornal Nacional vai ao ar às 20h, apresentado pelo casal William Bonner e Fátima Bernardes. O cenário, basicamente na cor azul, é composto por uma bancada comum aos apresentadores, tendo acima deles a imagem do globo terrestre e abaixo e ao fundo, a redação do programa, demonstrando a incessante busca de sua equipe por informações a todo o momento. O telejornal inicia com a chamada para as matérias mais importantes da edição pelos apresentadores âncora do jornal como uma espécie de pingue-pongue entre os mediadores: cada um apresenta uma chamada de forma rápida e direta, imediatamente seguido pelo outro apresentador. Com esse jogo de pingue-pongue, apresentado de maneira mais intensa que no Jornal Hoje, o telejornal busca atribuir maior velocidade à sua condução e maior apelo ao telespectador. A maneira de apresentar a escalada do telejornal transparece um dos objetivos principais do programa: exibir mais informação, e informações de impacto, em menos tempo.

Os mediadores convocam o telespectador a assistir as principais notícias do dia através da maneira como fixam o olhar na câmera durante a escalada, e do texto que geralmente a segue: “Agora, no Jornal Nacional”. O casal se comporta de forma a tentar impor um

tom de seriedade, objetividade e imparcialidade na condução do telejornal. A inexistência de conversação e de emissão de comentários, a gesticulação controlada parecem criar um efeito de neutralidade. No entanto, as entonações da voz durante a apresentação de notícias e notas, além das expressões faciais transmitem certa expressividade e interpretação da notícia. Essa interferência ocorre de maneira mais sutil no Jornal Nacional do que nos telejornais da rede exibidos durante o dia.

No Jornal Nacional não ocorre divisão exata de editorias por blocos. No entanto, pode-se verificar que inicialmente são apresentadas as notícias de maior impacto. Essa é uma das marcas fortes do JN. As matérias sobre violência, economia, política e entretenimento se organizam em razão do impacto que podem ter, da sua força de apelo para o telespectador. A previsão do tempo é sempre exibida no primeiro bloco, sem chamada por parte dos âncoras. Embora não tenha sido cronômetrado, a divisão de blocos não parece ocorrer de forma eqüitativa. Dividido em quatro partes, o primeiro parece ser o mais longo, o segundo e o terceiro, com aproximadamente o mesmo tempo de duração, parecem ser um pouco maior que o quarto. A última matéria do telejornal costuma ser de cunho positivo, geralmente das editorias de entretenimento, esporte ou da área social (constatação baseada em hábitos de audiência; no período analisado geralmente as reportagens de encerramento foram sobre a Copa do Mundo da Alemanha); o Jornal Nacional procura aliviar as tensões do telespectador para poder, então, desejar o já tradicional “boa noite”.

O telejornal se propõe a cobrir todos os acontecimentos de relevância do dia, apresentando, para isso, uma narrativa mais acelerada, se comparada aos outros telejornais da rede. Essa diferente condução pode ser observada já nos primeiros minutos do telejornal, durante a escalada do programa, como já foi destacado. O uso recorrente de notas simples e cobertas é outro fator que confere velocidade ao telejornal. O Jornal Nacional assume a responsabilidade de garantir o direito público à informação, e esse parece ser um dos principais pactos estabelecidos entre o programa e sua audiência; o telespectador assiste o jornal esperando encontrar as informações relevantes de maneira organizada.

Na tentativa de se aproximar do telespectador, como contraponto à distância estabelecida pela postura adotada pelos mediadores, o telejornal apresenta a notícia seguindo um apelo aos interesses do cidadão. Um recurso eficaz nessa aproximação e muito utilizado pelo jornalismo da Rede Globo, e em especial pelo Jornal nacional, é a humanização do relato; por meio de um exemplo de pessoas comuns, ilustra-se uma situação recorrente aos cidadãos brasileiros, fazendo com que o público em geral se reconheça e se sinta representado por aquele indivíduo que está tendo voz no telejornal. Como exemplo, em virtude do Dia Mundial sem tabaco, na edição de 30 de maio, a reportagem de Cláudia Gabriel exibiu relatos emocionados de cidadãos que venceram ou que continuam na luta contra o cigarro.

O trabalho do repórter é valorizado não só com a presença da redação na composição do cenário (base e suporte), mas também, e principalmente, quando têm seus nomes destacados na abertura da matéria ou na chamada para entradas ao vivo (seja em âmbito nacional ou internacional), como ocorreu na edição de 25 de maio, quando Fátima Bernardes, referindo-se ao término do prazo para o governo de São Paulo divulgar a lista de mortos nos massacres anunciou, “José Roberto Burnier tem os detalhes ao vivo”. Com isso o telejornal busca evidenciar, também, a apuração da notícia, destacando, sempre que possível, a presença do repórter no local do acontecimento, cobrindo os fatos de perto, garantindo-lhe credibilidade junto à audiência.

Na escalada já é possível identificar um dos principais pactos estabelecidos entre o programa e a audiência; exibir mais informação em menos tempo; noticiar os fatos do dia que julgam mais importantes, independentemente da sua editoria. É o exercício de sua responsabilidade social de garantir o direito público à informação.

### **Jornal da Globo**

O Jornal da Globo é o único telejornal diário da Globo que não tem horário fixo, ele é

exibido entre 23h e 1h, a depender a programação noturna da emissora. Durante a semana analisada, foi apresentado por Christiane Pelajo. O cenário, nas cores azul (em tom mais escuro que o do Jornal nacional), roxo e prata, é composto por uma bancada tendo a redação em atividade ao fundo. À esquerda da mediadora há um telão através do qual ela se comunica com correspondentes e repórteres em entradas ao vivo. O telejornal inicia com um travelling da redação até a bancada da apresentadora.

Antes da escalada a apresentadora resume a notícia destaque da edição. Esse destaque ajuda na identificação dos critérios de noticiabilidade do telejornal: são apresentadas, principalmente, notícias de cunho político ou econômico que tiveram ou terão repercussão nacional. Como podemos ver nas edições de 24 de maio, onde, antes da escalada, a mediadora salientou a importância da pesquisa de intenções de voto, que teve seu resultado exibido no interior do programa; de 25 de maio, quando levantou uma questão, julgada como dúvida geral da sociedade brasileira, sobre os motivos que levariam a moeda americana a apresentar a maior alta dos últimos 04 anos e no dia seguinte sua maior queda, no mesmo período; e do dia 29 de maio, acerca do depoimento do ex-presidente da Caixa Econômica Federal sobre a quebra do sigilo bancário do caseiro Josenildo de Freitas.

O Jornal da Globo exibe basicamente notícias das editorias de política, economia, política internacional e esporte, além de reportagens de temáticas gerais esporádicas. Como exemplo, lembramos as escaladas das edições de 25, 29 e 30 de maio: mercado financeiro se recupera, mortes em São Paulo começam a ser investigadas pelo Ministério Público de São Paulo, CPI das armas: advogado preso, pacote agrícola do governo, copa, gols da rodada do Campeonato Brasileiro, charges e textos inéditos de O Pasquim; vítimas do grupo de extermínio em São Paulo, julgamento de Suzane, terremoto da Indonésia, copa, Fórmula 1, protesto de músicos contra Bush; mercado sob pressão, preocupação com juros americanos faz bolsa despencar e dólar subir, Petrobrás sobre pressão, tropas federais no Mato Grosso do Sul, Copa do Mundo de Futebol.

No intuito de amenizar o clima pesado decorrente de notícias das editorias de política e

economia, Christiane Pelajo apresenta as matérias e reportagens de maneira leve, falando pausadamente, recorrendo freqüentemente ao uso de metáforas. Outro recurso utilizado para diminuir o ritmo de apresentação da notícia, principalmente nas matérias de violência, é a inserção de animações gráficas para ilustrar uma simulação do acontecimento. Além de diminuir o ritmo, oferece credibilidade a cobertura. Na edição de 24 de maio, na matéria de César Menezes, uma animação gráfica simula a execução de jovens em São Paulo; os repórteres não estavam presentes no momento do ataque, mas apuraram os fatos e apresentam-se aptos a reconstruírem como tudo realmente aconteceu. Também no Jornal da Globo o trabalho do repórter é valorizado, sendo sempre identificado nas matérias; os correspondentes geralmente são anunciados pelo âncora. As simulações também atribuem caráter didático às matérias por apresentar o passo-a-passo de como ocorreu o acontecimento, bem como o recorrente uso de infográficos para ilustrar dados numéricos, gráficos ou medidas (em tópicos) adotadas por instituições, que sustentam as informações veiculadas nas matérias.

Assim como o Bom Dia Brasil, o Jornal da Globo exibe poucas entradas ao vivo, devido ao horário em que é exibido, em que praticamente nada noticiável está acontecendo no Brasil. No entanto, a presença da redação compondo o cenário transmite ao telespectador que a equipe está constantemente em busca dos acontecimentos para melhor informá-lo. Também como o telejornal da manhã, o Jornal da Globo quase não apresenta notas simples ou cobertas, o que contribui para sua condução narrativa lenta.

O didatismo empregado na construção da notícia, através dos infográficos e simulações, parece indicar um dos pactos estabelecidos com a audiência: de noticiar os acontecimentos da maneira mais clara possível, proporcionando ao seu telespectador o entendimento das possíveis causas e conseqüências do ocorrido. Focando-se nas editoriais de política e economia, procura reportar os fatos que apresentam influência mais direta na vida do cidadão brasileiro, buscando sempre exemplificar de que maneira essa influência pode ocorrer.

Este foi um primeiro exercício de análise comparativo dos quatro telejornais da Rede



Globo de Televisão, a partir de apenas um dos operadores de análise dos modos de endereçamento e tomando como amostra somente uma semana de exibição. Desse modo, as conclusões possíveis são muito limitadas. Entretanto, o exercício evidenciou algumas pistas para investigação mais aprofundada e, de todo modo, a importância do pacto sobre o papel do jornalismo para a identificação da relação que cada um dos programas constrói com sua audiência, configurando ao mesmo tempo um estilo de produção e apresentação da notícia.

O Bom Dia Brasil constrói-se a partir da conversação. O telejornal é transmitido num horário em que poucos eventos jornalisticamente pertinentes acontecem ao mesmo tempo em que tem que lidar com a notícia do dia anterior, o que dificulta a cobertura ao vivo dos acontecimentos e impõe certas dificuldades quanto à atualidade da notícia. Para driblar essas duas restrições, o telejornal recorre à conversação, mas no tom da conversa cotidiana, leve, que mais do que aprofundar a discussão, demora-se nela. O Jornal da Globo tem as mesmas dificuldades do BDB, mas adota outras estratégias. Ambos recorrem ao texto verbal dos mediadores – sobretudo apresentadores e comentaristas – como estratégia de ampliar a credibilidade e autenticidade da informação, mas no JG a conversa, embora em tom coloquial, é mais guiada pelas relações causa e consequência na avaliação de um acontecimento, que pela conversa leve e descomprometida das primeiras horas da manhã. O Jornal Hoje é o que melhor poderia se beneficiar do seu horário de transmissão para garantir maior autenticidade da cobertura jornalística. Transmitido no início da tarde, ele poderia ampliar a transmissão ao vivo dos acontecimentos e antecipar os desdobramentos que a maior parte dos acontecimentos terão à tarde. No entanto, o programa define-se mais pela prestação de serviço a uma audiência diurna, doméstica, composta, pelo que deixa ver o programa, por consumidores e donas de casa que pela apuração da informação. O Jornal Nacional mantém-se fiel à tradição dos telejornais do horário nobre, de oferecer um resumo do que de mais importante aconteceu no dia e, no caso específico do Brasil, à tradição das notícias dramáticas e de impacto às quais o próprio Jornal Nacional habituou sua audiência ao longo dos seus quase quarenta anos.

O telejornalismo, como instituição social, não se configura somente a partir das possibilidades tecnológicas oferecidas pelos séculos anteriores, mas na conjunção das possibilidades tecnológicas com determinadas condições históricas, sociais, econômicas e culturais. Afirmar o telejornalismo como uma construção, no entanto, e justamente por esta razão, não nos impede de reconhecer que ele se configura como uma instituição social de certo tipo nas sociedades ocidentais contemporâneas. No Brasil, em que o jornalismo supostamente reproduziria o modelo de jornalismo independente estadunidense, pensar o jornalismo como instituição social requer colocar em causa a relação entre jornalismo e a noção habermasiana de esfera pública, com suas implicações sobre a noção de debate público e vigilância pública; a perspectiva liberal sobre o papel democrático da mídia; a noção de quarto poder, em que está implícita a autonomia da imprensa em relação ao governo, o direito à liberdade de expressão e o compromisso com o interesse público; o caráter público ou privado da empresa jornalística. O exercício que aqui realizamos representou uma primeira tentativa, ainda bem embrionária, de abordar a instituição através da sua realização em programas concretos.

## **Bibliografia**

ALBUQUERQUE, Afonso de. Um outro quarto poder: imprensa e compromisso político no Brasil. Revista Fronteiras, v.1, 1, dez., 1999.

DAYAN, Daniel. Pour une critique des médias: questions de communication, n. 8, p.195-222, 2005.

DEUZE, Mark. What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. Journalism, v. 6 (4), p. 442-464, 2005.

ANIMUS: Revista Interamericana de Comunicação Midiática

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica. Salvador: UFBA, 2003 (Tese de doutorado apresentada ao PPG em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA);

GOMES, Itânia Maria Mota et alii. Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro: o Jornal Nacional da Rede Globo de televisão In: Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. v.1, p.54 – 72.

GOMES, Itânia Maria Mota et alii. Quem o jornal do SBT pensa que somos? Modos de endereçamento no telejornalismo show. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre: Edipucrs, n. 25, p. 85-98, dez. 2004.

GOMES, Itânia Maria Mota. Das utilidades do conceito de modo de endereçamento para análise do telejornalismo. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de. (org). Televisão: entre o mercado e a academia. Porto Alegre: Sulina, 2006a;

GOMES, Itânia Maria Mota. Telejornalismo de qualidade: pressupostos teórico-metodológicos para análise. In: E-compós. Rev. da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 6, ag., 2006b.

MEMÓRIA Globo. Jornal Nacional: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

SCHUDSON, Michael. Discovering the news: a social history of american newspapers. New York: Basic Books, 1978.

WILLIAMS, Raymond. Gêneros. In: WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, [1971]1979. p. 179-184.  
WILLIAMS, Raymond. The technology and the society. In: WILLIAMS, Raymond. Television technology and cultural form. London: Routledge, 1997. p. 9-31.

## Notas

[1] Para uma discussão mais detalhada do conceito de modo de endereçamento, sua vinculação à screen theory e as atualizações elaboradas pelos Cultural studies, em especial pelos estudos de recepção, ver Gomes, 2006a.

[2] Para una discusión más detallada del concepto de modo de direccionamiento, su vinculación con la screen theory y las actualizaciones elaboradas por los Cultural studies, en especial por los estudios de recepción, ver Gomes, 2006a.

[3] For a more detailed discussion of the concept of mode of address, its connection with screen theory and the updates performed by the Cultural Studies, especially studies on reception, see Gomes, 2006a.

[4] Para Williams, as instituições são um dos três aspectos de todo processo cultural, junto com as tradições e as formações (1971. p. 118 et. seq). Ali, os meios de comunicação aparecem, junto com a família, a escola, a igreja, certas comunidades e locais de trabalho, como instituições que exercem poderosas pressões sobre o modo de vida, ensinam, confirmam e, na maioria dos casos, finalmente impõem significados, valores e atividades. No entanto, não é possível dissociar a análise das instituições da análise das tradições (a expressão mais evidente das pressões e limites dominantes e hegemônicos) e das formações (esses movimentos e tendências efetivos que têm significativa influência no desenvolvimento ativo de uma cultura). Nesse sentido, as instituições seriam, então - e no sentido que esses termos adquirem no pensamento de Raymond Williams - constituídas e constituintes e se devem ser pensadas na relação com as tradições e formações.

[5] Para uma discussão mais detalhada do conceito de modo de endereçamento, sua vinculação à screen theory e as atualizações elaboradas pelos Cultural studies, em especial pelos estudos de recepção, ver Gomes, 2006a.